

MUSEU MONOGRÁFICO DE CONIMBRIGA
MISSION ARCHÉOLOGIQUE FRANÇAISE AU PORTUGAL

LES AMPHORES LUSITANIENNES
Typologie, Production, Commerce

Actes des Journées d'Etudes tenues à Conimbriga
les 13 et 14 Octobre 1988
Edités par A. ALARCÃO et F. MAYET

*Avec le concours de
la Direction Générale des Relations Culturelles, Scientifiques et Techniques
au Ministère des Affaires Etrangères (Paris)
l'Institut Portugais du Patrimoine Culturel (Lisbonne)*

DÉPOSITAIRES : MUSEU MONOGRÁFICO DE CONIMBRIGA (Portugal)
Diffusion E. DE BOCCARD
11 rue de Médicis (75006 Paris)
1990

ÂNFORAS DE S. JOÃO DA VENDA (FARO)

Carlos FABIÃO e Ana Margarida ARRUDA

Introdução

A cerca de 6 Km a oeste de Faro, à entrada da povoação de S. João da Venda, realizou Santos Rocha, nos finais do século passado, uma escavação num sítio arqueológico de época romana¹.

Fôra a presença de fragmentos de *dolia* e restos de um *pavimentum* – provavelmente de *opus signinum* – que primeiramente atraíra a atenção do investigador figueirense; o grande número de recipientes cerâmicos de grandes dimensões e de fundos de ânforas foram considerados (...) bastantes para aventurarmos a hipótese de uma *cella vinaria* (...) ². Esta ideia pré-concebida levou o autor a distorcer um conjunto de informações susceptíveis de sugerir uma diferente interpretação para o sítio.

Assim, embora o informassem da existência de um "forno", Santos Rocha pensou tratar-se de uma cuba do *torcularium*³; tal como interpretou uma camada de cinzas, identificada pelo lavrador que explorava o terreno, como os vestígios de um incêndio, que teria destruído a instalação de época romana.

As estruturas e materiais encontrados, compreendiam os restos de uma construção com *pavimentum* (*opus signinum* ?); um grande aglomerado de ânforas fragmentadas – " (...) em 4 a 5 metros quadrados de superfície (...), nós recolhemos o bastante para carregar uma carroça"⁴ – entre os quais assinala alguns " (...) restos de ânforas que pareciam ter cobertura vítrea, devido talvez a circunstâncias especiais de cozedura"⁵, não encontrou, no entanto, qualquer vestígio de cerâmicas finas ou outros materiais. Em posterior deslocação ao local recolheu mais duas ânforas quase inteiras, para além de

1. A.S. ROCHA, Notícia de algumas estações romanas e árabes do Algarve. Memórias e explorações arqueológicas III. Memórias sobre a Antiguidade (AP, I e II, 1895 e 1896), Coimbra, 1975 (= ROCHA).

2. *Id.*, *ibid.*, p. 159.

3. *Id.*, *ibid.*, p. 160.

4. *Id.*, *ibid.*

5. *Id.*, *ibid.*

outros fragmentos. No cômputo final, Santos Rocha estimou em cerca de cento e cinquenta exemplares a totalidade de ânforas recolhidas, das quais lamentou não ter conseguido mais que restauros parciais. Assinala como principais características : " (...) o maior diâmetro de bojo está próximo do colo e vai diminuindo gradualmente para o fundo até terminar por uma ponta saliente, como o cone de um funil. As asas, umas vezes roliças, outras achatadas e com uma canelura longitudinal ao meio, ora partem da boca, ora do colo, logo abaixo do rebordo da boca e a ponta do fundo atinge em alguns exemplares mais de 0,1 m⁶.

Posteriormente, Maria Luisa Estácio da Veiga Afonso dos Santos, no levantamento arqueológico do Algarve que publicou, refere as recolhas do investigador figueirense em S. João da Venda, limitando-se a resumir as suas informações⁷, acrescentando, porém, duas fotografias das ânforas depositadas no Museu da Figueira da Foz⁸.

Mais recentemente, A. Parker⁹ voltou a mencionar o local referindo, pela primeira vez, o que era já evidente nas fotografias de M. Luisa Santos, a existência de dois grupos distintos de ânforas em S. João da Venda. O investigador britânico resume, uma vez mais, as observações de Santos Rocha, sugerindo um provável fabrico local para os contentores cerâmicos.

A estas citações se resume a informação existente sobre este sítio romano. Verifica-se, neste caso como em tantos outros, uma prática corrente na investigação arqueológica nacional : o da reprodução acrílica da primeira notícia publicada. Curiosamente, a ninguém parece ter ocorrido o que parece evidente na leitura do texto dos finais do século XIX : Santos Rocha teria escavado a zona de rejeitados de um forno de produção de ânforas, o que explicaria a grande abundância de materiais, a dificuldade em obter um restauro integral e, acima de tudo, a presença de fragmentos com "cobertura vítrea"...

Foi, portanto, na convicção de estarmos perante um novo centro produtor de ânforas da costa algarvia que nos decidimos a estudar os materiais recolhidos por Santos Rocha, actualmente depositados no Museu da Figueira da Foz¹⁰.

1. — As produções de S. João da Venda.

Das cento e cinquenta peças que Santos Rocha diz ter recolhido e que provavelmente submeteu a significativa "triagem", dado o pouco interesse manifestado por peças que não conseguira restaurar na íntegra¹¹, restam três ânforas parcialmente restauradas, três fragmentos de fundos com os respectivos bicos e nove fragmentos que incluem os bocais, colos, asas e partes superiores dos bojós, num total de 15 exemplares.

6. ROCHA, p. 161-162.

7. M.L. ESTACIO DA VEIGA AFONSO DOS SANTOS, *Arqueologia romana do Algarve*, Lisboa, 1972, p. 166-170.

8. *Id.*, *ibid.*, figs. 244 e 245.

9. A.J. PARKER, Lusitanian Amphoras, in *Méthodes Classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores* (Coll. École Française de Rome, 32), Rome, 1977, p. 36-46 (= PARKER), p. 37.

10. Os autores agradecem à directora do Museu da Figueira da Foz, Sra. Dra. Isabel Pereira, todas as facilidades concebidas para o estudo destes materiais; apraz-nos, igualmente, salientar a amabilidade e disponibilidade manifestada pelos funcionários da instituição. A numeração utilizada é a da catalogação do Museu.

11. ROCHA, p. 161.

Todos, exceptuando o nº 4505, apresentam pastas de idênticas características e são enquadráveis no âmbito da forma Almagro 51a-b (= Beltrán 52 = Keay XIX = Lusitana III). O exemplar 4505 pertence à Classe 23 (= Almagro 51c = Beltrán 51 = Keay XXIII = Lusitana IV) e deve considerar-se uma importação, isto é, uma produção não local¹².

O exemplar nº 4512 é o mais perfeito do ponto de vista de fabrico e acabamento. Apresenta uma pasta vermelha (Munsell 2.5 YR 5/8) de textura granulosa, com abundantes elementos não plásticos visíveis na fractura e no interior, constituídos por : quartzos brancos e cinzentos, rolados e semi-rolados que podem atingir 3 a 4 mm; grãos de quartzito semi rolados atingindo idênticas dimensões; fragmentos de conchas trituradas; partículas ferruginosas (?) não superior a 2 mm; areias com muitas partículas negras e raras palhetas de mica. A superfície exterior apresenta-se coberta por um engobe espesso, castanho muito claro (Munsell 10 YR 8/4), bem alisado que encobre a textura granulosa da pasta.

Embora apresentando pastas idênticas e vestígios de engobe, os restantes fragmentos denotam deformações, mais ou menos marcadas, bem como superfícies externas muito manchadas. O bocal nº 4509 e o fundo, com bico, nº 4341 apresentam-se recozidos, tendo o primeiro uma coloração negra, com o engobe completamente estalado, enquanto o segundo se encontra vitrificado com numerosos orifícios resultantes da libertação de gases no decurso do sobreaquecimento.

A espessura das paredes oscila entre 0,5 cm e 1 cm.

CATÁLOGO (figs.62 e 63)

S/ número - Corpo de ânfora parcialmente restaurada - encontra-se ainda em processo de restauro - sem indicação de proveniência mas atribuível ao conjunto de S. João da Venda quer pelas características morfológicas, quer pelo tipo de pasta (não desenhada).

4375 (1) - Ânfora parcialmente restaurada faltando-lhe o lábio, fundo e bico. Encontra-se significativamente deformada e com as superfícies muito manchadas.

Apresenta um colo curto, cónico cuja ligação ao corpo é exteriormente marcada por uma estria. As asas, que não são simétricas, partem da parte superior do colo, descrevem um semicírculo - com sobrelevação num dos casos - para se ligarem ao topo do corpo e apresentam secção ovalada. O corpo é fusiforme apresentando a maior largura na metade superior.

Dimensões :

Altura total conservada (= HTC) - 55 cm

Altura do colo (= HC) - 7 cm

Altura conservada do corpo (= HCor) - 48 cm

Altura das asas (= HA) - 8 cm

Largura máxima do corpo (= LMC) - 23,5 cm

Diâmetro mínimo interno do colo (= DmIC) - 4,6 cm

Dimensões das asas (= DA) - 2,8 x 2,1 cm

12. A.J. PARKER, ao referir os dois tipos de ânforas recolhidos em S. João da Venda, publica uma fotografia de um exemplar da Classe 23, intacto, depositado no Museu de Faro associando-o às produções de ânforas de S. João da Venda, embora assinale que se desconhece a sua proveniência (1977, p. 37 e fig. 3).

4375 (2) – Ânfora parcialmente restaurada. Falta-lhe o lábio. O encaixe entre o fundo, com o respectivo bico, e a base do corpo da peça não é seguro, embora seja verosímil. Apresenta, também, deformações e as superfícies manchadas.

A morfologia é semelhante à anteriormente descrita, apresentando dois ressaltos na ligação corpo/colo. As asas são subquadrangulares com sulco longitudinal, e o fundo é rematado por um bico cónico, maciço (?) e alongado.

Dimensões :

HTC - 73,5 cm (?)

HC - 7 cm

HCor - 57 cm

HA - 9,5 cm

Altura do bico (= HIB) - 8,5 cm

LMC - 23 cm

DmIC - 4 cm

Diâmetro máximo do bico (na ligação com o fundo = DMB) - 4,3 cm

Diâmetro mínimo do bico (na extremidade = DmB) - 2,5 cm

DA - 2,8 x 2,5 cm

3510 – Fragmentos de bocal, com lábio, colo, uma asa e parte superior do corpo. O lábio é extrovertido, côncavo, com ressalto na ligação com o colo. As asas arrancam da base do lábio, descrevendo um semicírculo para se unirem à parte superior do corpo.

Dimensões :

Altura do lábio (= HII) - 2,3 cm

HC - 7 cm

HA - 9,5 cm

Diâmetro externo do lábio (= DEL) - 8,8 cm

DmIC - 4 cm

DA - 3,1 x 2,5 cm

LMC (?) - 22,8 cm

4338 – *Idem.* de características morfológicas semelhantes.

Dimensões :

HI - 3,3 cm

HIC - 11,5 cm

HA - 13 cm

DEL - 10,4 cm

DmIC - 3,6 cm

DA - 3,1 x 2,5 cm

LMC (?) - 22,6 cm

4340 – *Idem.* O lábio é vertical acusando uma significativa concavidade no interior. As asas apresentam secção circular. As restantes características morfológicas são semelhantes ao exemplar anteriormente descrito.

Dimensões :

HI - 2,5 cm

HIC - 8,1 cm

HA - 11 cm

DEL - 10 cm

DmIC - 5 cm

DA - 2,4 x 2,4 cm

LMC (?) - 21,6 cm

4506 - *Idem*. De características morfológicas idênticas. O lábio acusa uma concavidade externa e o colo acha-se deformado.

Dimensões :

HL - 2,5 cm

HC - 8,1 cm

HA - 10,2 cm

DEL - 7,9 cm

DmIC - 3,2 cm

DA - 2,4 x 2,1 cm

4509 - *Idem*. De características morfológicas semelhantes . A peça foi recozida.

Dimensões :

HL - 3,4 cm

HC - 9 cm (?)

HA - 11 cm

DEL - 9,7 cm

DmIC - 5 cm

DA - 3,3 x 2,3 cm

4512 - *Idem*. De características morfológicas semelhantes às anteriores.

Dimensões :

HL - 3 cm

HC - 9 cm

HA - 11,5 cm

DEL - 8,8 cm

DmIC - 4,8 cm

DA - 2,5 x 2,4 cm

4513 - *Idem*. O lábio apresenta uma maior complexidade com uma dupla saliência definindo uma concavidade externa.

Dimensões :

HL - 2,2 cm

HC - 7,6 cm

HA - 10,4 cm

DEL - 7,7 cm

DmIC - 4 cm

DA - 2,9 x 2,1 cm

4518 (não desenhado) - *Idem*. Morfologicamente semelhante ao nº 3510

4241 - Fragmento de fundo com bico cônico. Acha-se recozido, deformado, com a superfície externa vitrificada e com muitos orifícios resultantes da libertação de gases durante o sobreaquecimento.

Dimensões :

HB - 10,4 cm

DMB - 5,5 cm

DmB - 2,5 cm

4515 – *Idem* (não desenhado). Não apresenta recozedura.

Dimensões :
 HB - 8,4 cm
 DMB - 3,8 cm
 DmB - 2,1 cm

4517 – *Idem* (não desenhado).

Dimensões :
 HB - 9,4 cm
 DMB - 5,1 cm
 DmB - 2,4 cm

Aparentemente associado a estes materiais, foi encontrado um fragmento de bocal, com lábio, asas, colo, a parte superior do corpo de uma ânfora de outra Classe – assinala-se que Santos Rocha referiu dois tipos de ânforas entre as suas recolhas (1975, p. 162) – cuja pasta denota características diferentes.

4505 – Fragmento de bocal de ânfora. A pasta é branda e compacta de superfícies amarelas avermelhadas (Munsell 7.5 YR 7/8), núcleo mais escuro, vermelho (Munsell 2.5 YR 5/8) e vestígios de engobe branco (Munsell 10 YR 8/2). Pasta bastante depurada, com raros elementos não plásticos de textura arenosa. Apresenta o lábio aplanado, quadrangular, com uma canelura bem marcada, colo bicónico, e ombro alto. As asas são curtas e aplanadas, com sulco longitudinal, partem do lábio, fazendo corpo com ele para se unirem ao topo do corpo.

Dimensões :
 HL - 1,7 cm
 HC - 7 cm
 HA - 12 cm
 DEL - 10,2 cm
 DmC - 3 cm
 DA - 4 x 2 cm

2. – Comentário.

A. Parker sugeriu que as produções de S. João da Venda constituiriam "(...) a very localised form of amphora, used only for the produce of a few estates, which was not exported in large quantity"¹³. Tal ideia parece ter escola e apareceu referida, recentemente, por Edmondson¹⁴. Independentemente do erro em que os autores incorrem, no que se refere à classificação das produções deste sítio algarvio, parece-nos que um equívoco mais grave se insinua nesta proposta : a noção de que existem algumas ânforas romanas destinadas exclusivamente a um circuito de autoconsumo, isto é, a prover necessidades locais.

Parece-nos evidente que uma ânfora é *sempre* produzida para viajar para longe com o seu conteúdo. A sua forma não é a ideal para uma boa armazenagem e a produção para mercado local seria vantajosamente escoada em contentores de outro tipo – por exemplo, pequenos potes, panelas ou bilhas. Portanto, julgamos que todo o sítio que produziu ânforas, o fez para alimentar um comércio à distância, sendo, por

13. PARKER, p. 37.

14. J.C. EDMONDSON, *Two industries in Roman Lusitania. Mining and Garum Production* (BAR, Int. Ser., 362), Oxford, 1987, p. 179.

isso, absurdo falar em formas de produção localizada, que não conheceram exportação significativa.

O conjunto das ânforas produzidas em S. João da Venda é, em nossa opinião, susceptível de ser enquadrado no âmbito da forma Almagro 51a-b (= Beltrán 52 = Keay XIX), caracterizada por possuir um corpo fusiforme, ou piriforme, com o maior diâmetro na metade superior; lábio vertical, de concavidades exterior e interior bem marcadas e um ressalto na ligação ao colo que se apresenta curto, cónico ou cilíndrico; asas partindo da base do lábio para descreverem um semicírculo, unindo-se à parte superior do corpo; os fundos são cônicos, rematados por bicos que podem assumir várias formas, entre as quais a cônica alongada, maciça – como o do exemplar da inumação Castellet nº 24 de Ampúrias¹⁵.

Estas ânforas ainda levantam problemas de caracterização e classificação para os investigadores. Identificadas pela primeira vez por Almagro nas necrópoles tardias de Ampúrias só recentemente foram objecto de estudo específico¹⁶.

O investigador britânico S. Keay isolou três variantes desta categoria, ao contrário de Beltrán Lloris que juntou na sua forma 52 as variantes 51a e b de Almagro¹⁷, todas apresentando pastas de características idênticas de produção, eventualmente, sud-hispânica¹⁸, semelhantes às dos exemplares que apresentamos.

Curiosamente, o único local onde até à data foi identificada a produção de contentores cerâmicos deste tipo foi no forno da Quinta da Alegria, Setúbal¹⁹, embora, infelizmente, tal facto pareça ser do absoluto desconhecimento da comunidade científica internacional ... Assinala-se, ainda, que Cardoso defendeu a existência de uma produção de ânforas deste tipo nos fornos da Herdade do Pinheiro (Setúbal) e Vale da Cepa (Alcácer do Sal), – o que é bastante plausível atendendo a que todos se integram no núcleo de centros produtores do Vale do Sado – sem no entanto apresentar dados conclusivos²⁰.

Pelo estado em que se apresentam, com diversas deformações resultantes, ao que parece, de constituírem fundamentalmente rejeitados de um forno, as ânforas de S. João da Venda não permitem uma caracterização muito segura. Aparentemente, aproximam-se da variante C de Keay²¹, embora apresentem bicos fundeiros substancialmente diferentes. É de salientar, também, a significativa variação apresentada pelas formas dos lábios o que, por terem sido recolhidas em conjunto, pode sugerir uma irrelevância tipológica deste pormenor.

Relativamente à cronologia, a inexistência de outros elementos associados a estes materiais, levanta naturais problemas à sua determinação. Noutros locais, têm sido recolhidos exemplares desta forma em contextos compreendidos num amplo espaço

15. M. ALMAGRO, *Las necrópolis de Ampurias*, II, Barcelona, 1955, fig. 282.

16. S.J. KEAY, *Late Roman Amphorae in the western Mediterranean. A typology and economic study: the catalan evidence* (BAR, Int. Ser., 196), Oxford, 1984 (= KEAY), p. 156-168.

17. M. BELTRÁN LLORIS, *Las ânforas romanas en España*, Zaragoza, 1970, p. 152.

18. KEAY, p. 160.

19. A.C. SOARES e C.T. SILVA, Ânforas romanas da Quinta da Alegria (Setúbal), *Setúbal Arqueológica*, V, 1979, p. 205-221.

20. G. CARDOSO, Fornos de ânforas romanas na Bacia do Rio Sado : Pinheiro, Abúl e Bugio, *Conimbriga*, XXV, 1986, p. 153-173, p. 163.

21. KEAY, p. 158-159.

temporal, desde a segunda metade do século III aos meados do século V d.C.²², inclusivamente, na Ilha do Pessegueiro, na Lusitânia, onde foram recolhidas, em contextos do século III-IV²³.

A associação à Classe 23, em nada contribui para precisar a datação do conjunto.

Quanto ao produto transportado, naturalmente também pouco se poderá dizer, na medida em que não existe qualquer evidência do mesmo. Em contextos sub-aquáticos tem-se encontrado vestígios de um conteúdo de origem piscícola²⁴. Não é, portanto, improvável, que as ânforas de S. João da Venda se destinassem a envasar a produção de um qualquer preparado piscícola da zona de Ossonoba, visto não existir qualquer evidência de uma produção local de vinho ou de azeite, resultando aparentemente de um vício de observação a interpretação de Santos Rocha.

É importante sublinhar, no entanto, que esse produto deveria ser líquido ou colóide, visto oscilarem entre os 3 e os 5 cm os diâmetros mínimos internos dos bocais destas ânforas. Se o conteúdo fosse efectivamente piscícola, parece-nos estar perante o primeiro caso conhecido de uma especialização local na produção de ânforas tardias da Lusitânia, visto que os fornos da Quinta do Lago (Loulé) – ver comunicação apresentada a esta mesma mesa-redonda pelos autores – próximos de S. João da Venda (cerca de 6 Km em linha recta) e que aparentemente estariam em laboração nesta época, teriam produzido, para idêntico fim, contentores cerâmicos distintos.

Résumé. – Un groupe d'amphores recueillies, à la fin du XIX^e siècle, à S. João da Venda, localité distante de 6 km de Faro, semble correspondre davantage à un dépotoir de four qu'à une *cella-vinaria*. Des 150 pièces découvertes, restent au Musée de Figueira da Foz trois amphores restaurées et différents fragments de cols, d'anses, de panses et de fonds.

Tous, sauf le numéro 4512, présentent la même pâte et appartiennent à la série des formes Almagro 51 a-b. Le numéro 4505, de forme Almagro 51 c, ne paraît pas appartenir à la même production. Les déformations présentées par ces objets ne permettent pas de les caractériser de façon plus précise. Leur chronologie doit se situer entre la seconde moitié du III^e siècle et le milieu du V^e siècle. On ne connaît pas leur contenu, mais on suppose qu'il s'agit de dérivés de salaisons de poisson.

22. *Id.*, p. 160-168

23. C.T. SILVA, J. SOARES e A.C. SOARES, Escavações arqueológicas na Ilha do Pessegueiro (3^a campanha, 1982), *Clío*, 4, 1982, p. 165-172, p. 167-169 et 171.

24. KEAY, p. 160.

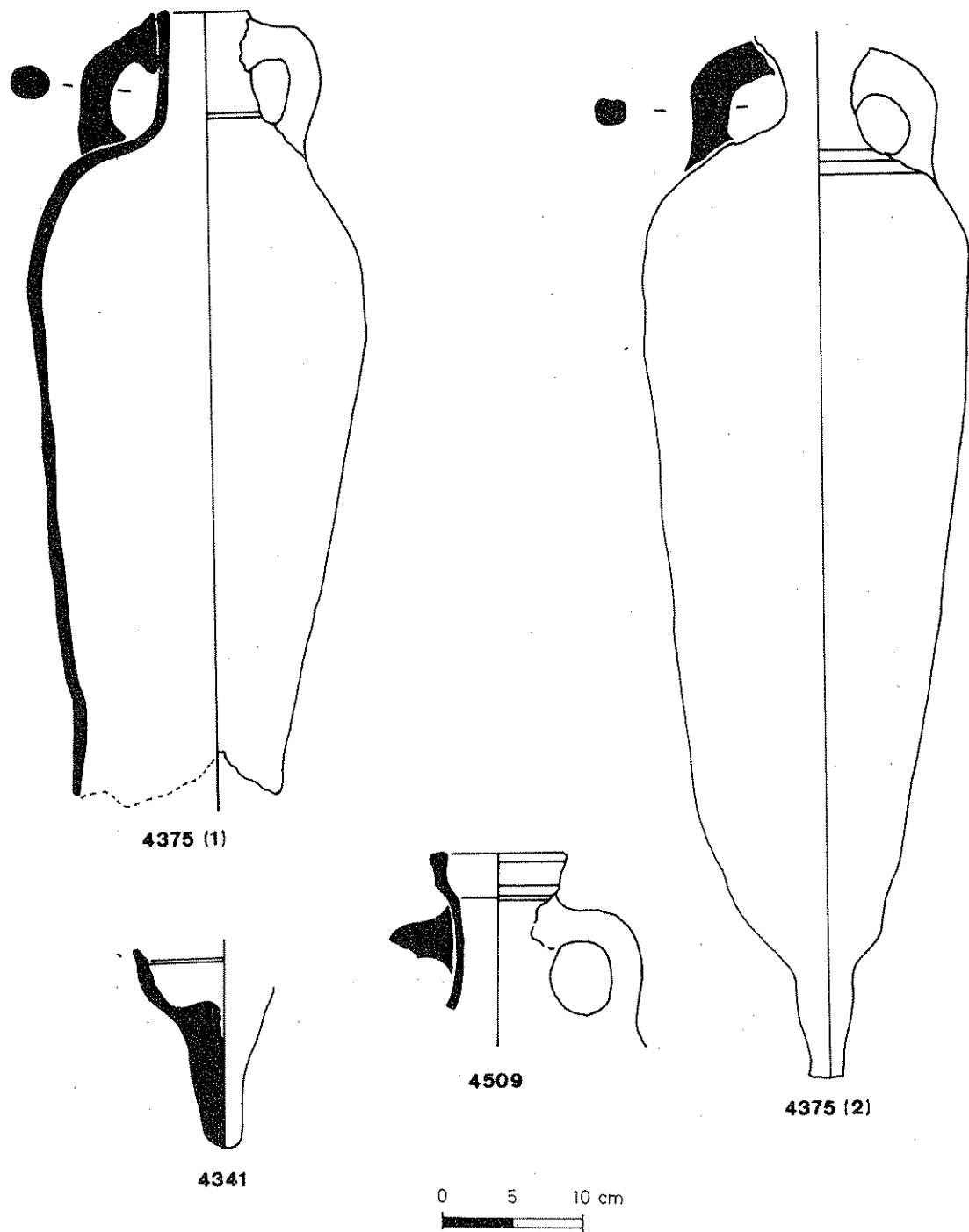


Fig. 62. — Ânforas de S. João da Venda. Forma Almagro 51 a-b. Produção local.

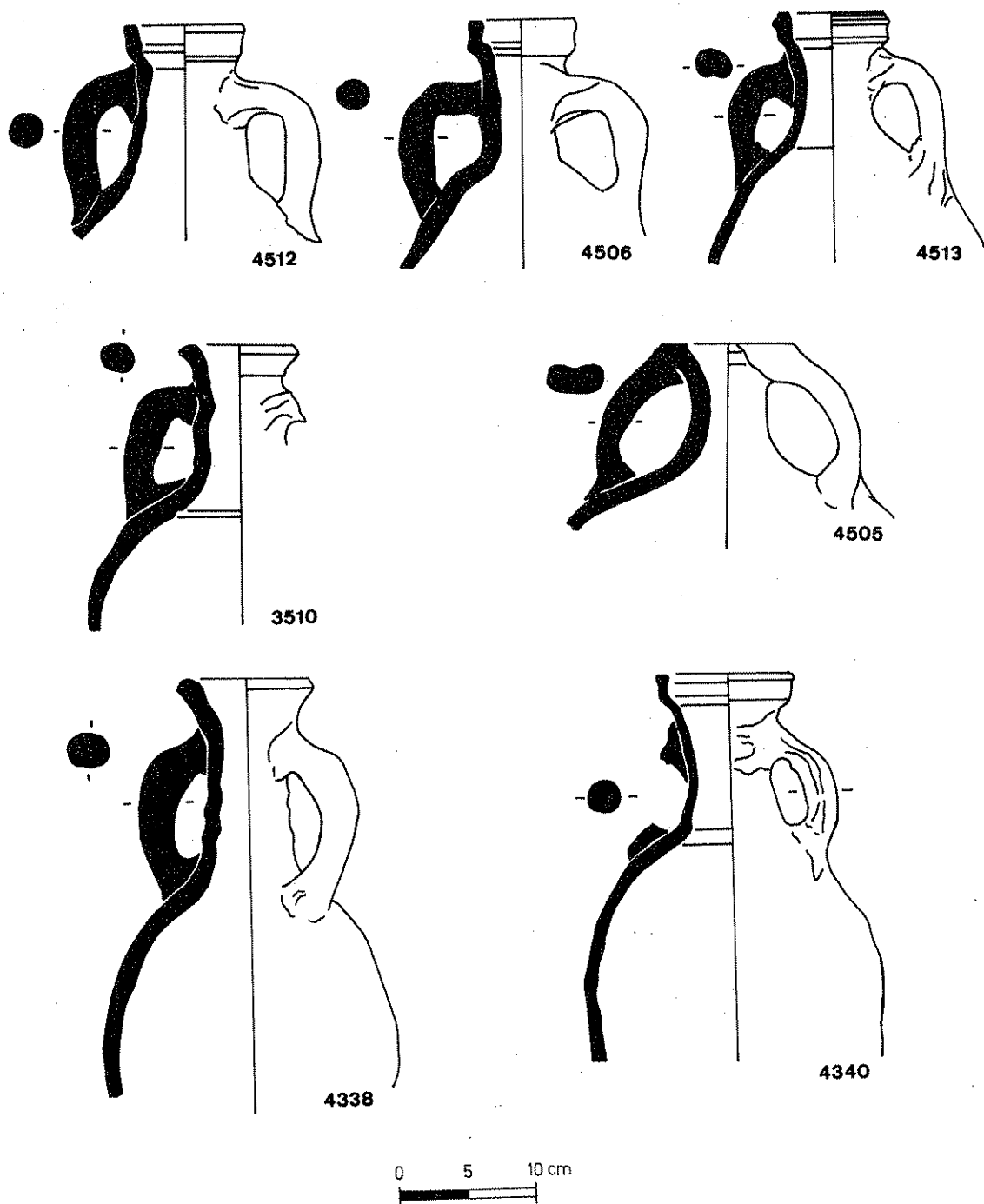


Fig. 63. — Ânforas de S. João da Venda. — Forma Almagro 51 a-b. Produção local, à excepção do nr 4505 (classe 23).